

A RELEITURA DE OBRAS DE ARTE COMO FORMA DE EXPRESSÃO DE ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Franciele Kiefer Barbosa

francikb@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/1081536029020290>

Maria Inês de Moura Kiefer

mariaimkiefer@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/9535941372630959>

Maria Marta da Silva Lima de Melo

mariamartadasilvalimademelo@gmail.com

Raquel Wrege

raquelcsw@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/1073913955949931>

RESUMO

Este artigo é resultado de uma oficina ministrada a alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) para conclusão da Especialização em Ensino de Artes, visando aliar aspectos teóricos e práticos no que tange à releitura de obras de arte em sala de aula. Os professores participantes levaram os educandos a reflexão sobre o que é uma releitura, a importância da leitura de imagens na vida diária com base na Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa, apreciando a imagem, refletindo sobre ela e levando ao fazer artístico como resultado do trabalho. A dinâmica desenvolvida em sala de aula e a metodologia utilizada possibilitaram aos educadores participantes vivenciarem a prática pedagógica de uma forma mais significativa, estimulando reflexões na práxis, ressignificando assim a importância da Arte na educação, e as possibilidades de aprendizagem a partir da mesma.

Palavras-chave: Releitura; Expressão; Arte.

Por muitos anos o aluno não era considerado produtor de artes, o professor conduzia o trabalho em sala de aula, em geral para a reprodução, onde com o passar dos anos, novas concepções abriram espaço para a perspectiva sócio-interacionista, permitindo conhecer a cultura e ao mesmo tempo desenvolver a criatividade. A limitação ainda se encontra em professores que acabam não valorizando a personalidade criativa de seus alunos, não se sentem preparados para estimulá-los, muitas vezes sendo reprodutores do modelo de ensino/aprendizado pelo qual passaram na sua jornada como alunos, associado a questão cultural em que o professor ainda é visto como mero transmissor de conteúdo.

Assim a função do ensino de artes é poder argumentar, utilizar várias áreas, métodos, releituras, fotografias, poesias, textos, diferentes tipos de produção, onde o professor responsável por criar condições para que os alunos apreciem e tenham experiências significativas com os mais diversificados tipos de criações artísticas, proporcionando ao sujeito analisar, refletir e criticar. A disciplina de artes não é engessada dentro da sala de aula e não precisa ser trabalhada separada das demais, pode ser interdisciplinar, possibilitando ao professor utilizar diferentes caminhos para desenvolver a criatividade e a expressão de seus alunos.

Esse trabalho busca saber um pouco mais sobre o ensino de artes para alunos do EJA, aprofundando-se na ideia de releitura de obras, com a intenção de levar os alunos a refletir sobre o que de fato é uma releitura e a produção destes sobre o assunto, utilizando-se da expressão criativa deles. Nessa perspectiva, a BNCC (p.194)

propõe que a abordagem das linguagens articule seis dimensões do conhecimento que, de forma indissociável e simultânea, caracterizam a singularidade da experiência artística. Tais dimensões perpassam os conhecimentos das Artes visuais, da Dança, da Música e do Teatro e as aprendizagens dos alunos em cada contexto social e cultural. Não se trata de eixos temáticos ou categorias, mas de linhas maleáveis que se interpenetram, constituindo a especificidade da construção do conhecimento em Arte na escola. Não há nenhuma hierarquia entre essas dimensões, tampouco uma ordem para se trabalhar com cada uma no campo pedagógico.

Com o presente artigo visamos apresentar os resultados de uma oficina realizada com alunos da Educação de Jovens e Adultos de uma escola pública, aonde o intuito foi possibilitar aos professores participantes efetuar um aprofundamento teórico-prático e, ao mesmo tempo, elaborar, de forma colaborativa, atividades de releitura referente a obras de arte, visando proporcionar aos educandos momentos de reflexão e pensamento crítico, onde essa pesquisa tem por intuito trabalhar e mostrar possibilidades para a disciplina de artes, tornando criativa, interessante e aproximando professor e aluno. Além disso, incentivar os alunos a realizar a releitura de obras de arte como forma de expressão. Bem como, conhecer a realidade da escola quanto à disciplina de artes; fomentar o uso da criatividade para realizar a releitura da obra escolhida e estimular a apreciação a obras de artes.

METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos que envolveram esse estudo foram construídos com base na Proposta Triangular do Ensino de Arte, da autora Ana Mae Barbosa (1987), através de uma pesquisa qualitativa em educação, realizada com os sujeitos em seu ambiente, sendo composto pelas seguintes etapas: conhecer a escola e realizar uma oficina sobre releitura artística. A oficina aconteceu através de dois encontros com duração de uma hora aula, ou seja, 45 minutos da disciplina artes, em que todos os alunos de uma turma de terceiro ano noturno do EJA, que se encontravam no ensino presencial, aceitaram participar através do Termo de Conscientemente Livre e Esclarecido, e um último momento online, utilizando um aplicativo de mensagens eletrônicas.

Em um primeiro momento a oficina consistiu numa conversa com os alunos sobre os conhecimentos prévios do termo releitura, se já haviam percebido a quantidade de imagens a nossa volta, que as imagens estão aqui para nos passar alguma mensagem subliminar ou explícita, dentro dessa perspectiva a importância de ler as imagens a nossa volta e ter um pensamento crítico, a diferença entre cópia e releitura, partindo assim para uma rápida explanação sobre o assunto, utilizando os conceitos apresentados por Ana Mae.

No segundo momento foi apresentada a proposta de contextualização da vida do pintor brasileiro Candido Portinari, onde aproveitando o acesso à internet em sala de aula, os alunos realizaram em seus smartphones uma breve pesquisa sobre a vida do autor, suas principais obras, associando a momentos históricos do nosso país, os levando a perceber que o autor retratava momentos que estava vivenciando, abordando questões sociais.

O terceiro momento foi composto pela apresentação da obra “Os Despejados”, de Candido Portinari (1934), para apreciação e análise, em que os alunos foram convidados a realizar um jogral em que cada um diria uma palavra/frase sobre o que mais lhe chamou a atenção na obra como uma rápida leitura em uma exposição, seguido pela leitura em si da obra, leitura essa realizada através de uma escrita sobre tudo que pode observar na

obra, cores, formas, presença ou ausência de componentes, expressões..., enfim uma leitura individual sobre tudo que se observou.

O quarto e último momento aconteceu de forma online, após a realização das oficinas, todos os alunos foram convidados a realizar uma releitura da obra “Os Despejados”, de forma individual, utilizando de materiais que tinham em casa à sua disposição, releitura essa que deveria ser espontânea, observando as experiências e desejos de cada um, principalmente como uma forma de expressão para o seu momento atual. A análise aconteceu através da observação dos dados coletados, participação e envolvimento da turma, bem como número de obras apresentadas ao final.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Educação de Jovens e Adultos – EJA – é caracterizada como modalidade de educação básica para jovens e adultos que não frequentaram ou concluíram a educação básica com a aprovação da LDB 9394/96 e das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação de Jovens e Adultos, Parecer nº 11/2000, esses documentos trouxeram alterações e ampliações conceituais produzidas desde o final da década de 1980, ao usar o termo Educação de Jovens e Adultos para ações anteriormente conhecidas como Ensino Supletivo. Tem seu início associado a ações e programas destinados a alfabetização e combate ao analfabetismo, incentivou-se a leitura e escrita para que se pudesse exercer o direito ao voto e por outro lado estímulo a alfabetização para acompanhar as novas exigências econômicas (ALMEIDA & CORSO, 2018). Os alunos da Educação de Jovens e Adultos – EJA, são estudantes que buscam uma chance de concluir os estudos para terem melhores oportunidades, geralmente trabalham durante o dia e por isso necessitam dessa modalidade de ensino para concluir os estudos.

Os currículos das etapas de ensino devem garantir as aprendizagens essenciais definidas pela BNCC, contemplando a integração e articulação das diferentes áreas de conhecimento, estudos e práticas, especificamente quando se procura por artes, nos apresenta a seguinte delimitação: “IV - arte, especialmente em suas expressões

regionais, desenvolvendo as linguagens das artes visuais, da dança, da música e do teatro” (BNCC, 2017, p.476). A arte contribui para desenvolver a autonomia reflexiva, criativa e expressiva, auxiliando os alunos a ampliar o conhecimento sobre si, o outro e o mundo. Nesse processo de aprender, pesquisar e fazer de forma artística que o aluno pode ampliar sua visão de mundo, isso de forma crítica, sensível e poética, imaginando e ressignificando elementos de sua vida. A disciplina de artes tem por objetivo também levar os alunos a estabelecer relações entre arte, mídia, política, mercado e consumo, promovendo o entrelace de culturas e saberes, assim os estudantes devem assumir o “papel de protagonistas como apreciadores e como artistas, criadores e curadores, de modo consciente, ético, crítico e autônomo” (BNCC, 2017, p.476).

No Brasil o EJA está muito ligado a Paulo Freire, reconhecido principalmente por seu método de alfabetização de adultos, que visa tentar corrigir algumas questões sociais, como exclusão, exploração, marginalização, entre outras. Atualmente a política da EJA é fruto de reivindicações de grupos e movimentos sociais “diante do desafio de resgatar um compromisso histórico da sociedade brasileira e contribuir para a igualdade de oportunidades, inclusão e justiça social, fundamenta sua construção nas exigências legais definidas pela Constituição Federal de 1988” (CARDOSO & PASSOS, 2016).

Paulo Freire modificou muitas realidades, uma destas foi a de Ana Mae Barbosa, que convencida por ele que a educação poderia ser uma forma de libertação, ingressou na educação, onde mais precisamente uma visita a Escolinha de Arte do Brasil, criada na década de 50, por um artista pernambucano chamado Augusto Rodrigues, a aproximou cada vez mais da arte-educação. A professora e pesquisadora Ana Mae Barbosa introduziu a Proposta Triangular, uma proposta para conhecer a linguagem das artes plásticas, apoiada em três pilares: apreciação – leitura da imagem; história da arte – análise da imagem no contexto de sua produção e da atualidade, contextualizando o artista e sua obra ao meio sociocultural; e fazer artístico – contato do aluno com a criação e os diferentes aspectos que a permeiam, como seleção de materiais, escolha do tema, técnica, referências. Inicialmente essa proposta recebeu a denominação de Metodologia Triangular, termo esse que a própria Ana Mae aceitou e utilizou, mas com uma maior

reflexão sobre o assunto ela percebeu que “[...] metodologia é construção de cada professor em sua sala de aula [...] Em arte e em educação, problemas semânticos nunca são apenas semânticos, mas envolvem conceituação “(BARBOSA, 1998, p. 33).

A Proposta Triangular não necessariamente precisa seguir a ordem citada por Ana Mae, assim num primeiro momento quando questionou-se os alunos sobre seus conhecimentos sobre releitura, importância de interpretar as imagens à nossa volta, a primeira resposta foi que releitura é diferente de cópia e que tudo a nossa volta era composto por imagens, que influenciavam nossas escolhas, muitas vezes de forma inconsciente, os alunos ainda estavam um pouco retraídos e não se estenderam nas suas falas, mas chegaram ao ponto que esse estudo procurava entender, se eles teriam o discernimento de que releitura e cópia são coisas diferentes. Aprofundando um pouco mais o assunto da cópia, questionamos o que seria então uma releitura? Uma aluna respondeu que é uma visão sua da obra, utilizando seus elementos, esses termos estavam de acordo com o que foi abordado posteriormente quando se explicou de forma breve a Proposta sobre a qual a oficina aconteceria.

Assim sendo, é preciso compreender que cópia também é um recurso didático, mas não é uma forma de releitura, releitura é o ato de recriar a obra escolhida com um novo olhar, uma nova leitura, dentro da questão artística, releitura é fazer novamente, podendo acrescentar ou retirar informações, dentro da releitura devemos conhecer a obra, sua contextualização, uma vez que para o ato de ler se precisa de um leitor, um código e um autor (RANGEL, 2002; PILLAR, 2011), Pillar cita que releitura e cópia são totalmente diferentes, já que

“cópia diz respeito ao aprimoramento técnico, sem transformação, sem interpretação, sem criação. Já na releitura há transformação, interpretação, criação com base num referencial num texto visual que pode estar explícito ou implícito na obra final. Aqui o que se busca é a criação e não a reprodução da imagem (PILLAR, 2003, p. 19).

Ademais, a releitura da obra de arte é entendida por muitas pessoas como cópia elaborada pelos alunos com base na imagem que lhes é oferecida. Entretanto, se realizada dentro desse modelo, pouco ou nada acrescenta ao conhecimento da construção da imagem produzida pelo artista. Por isso, é necessário que essa atividade

tenha um poder/valor criativo, na medida em que, por meio da referência ao original, constrói uma nova imagem. BUORO (2002) considera que “toda nova produção oriunda de uma imagem referente é construção de um novo texto, no qual o sujeito produtor elabora uma interpretação, podendo até mesmo participar da criação.” Além disso, BARBOSA (1991, p.4) comenta que

arte não é apenas básica, mas fundamental na educação de um país que se desenvolve. Arte não é enfeite, arte é cognição, é profissão e é uma forma diferente da palavra interpretar o mundo, a realidade, o imaginário e é conteúdo. Como conteúdo, arte representa o melhor trabalho do ser humano.

Por conta disso, reler uma obra é interpretar, colocar na produção a sua visão de mundo, críticas, linguagem e experiências sobre esta, onde o resultado pode ou não levar ao reconhecimento da obra escolhida (RANGEL, 2002), assim

“O que quer dizer releitura? Reler, ler novamente, dar novo significado, reinterpretar, pensar mais uma vez. Mais uma vez fui levada a refletir sobre minha experiência. Sou artista plástica e trabalho muito com apropriação e citação, algo muito próprio de nossa contemporaneidade pós-moderna. Aproprio-me de imagens da História da Arte e incluo-as em minha obra, ou seja, tiro a imagem de seu local de origem e a utilizo para construir outra imagem. Também cito muito em meu trabalho, cito artistas de que gosto, cito situações e movimentos da História da Arte. Qual é a diferença? Quando cito, não existe referência direta. Posso utilizar o modo de trabalhar, da cor mais comum do artista ou da obra que estou citando. No entanto, quando me aproprio da imagem, ela está contida em meu trabalho, inteira ou desconstruída, mas está presente. Uma das coisas mais importantes que aprendi com meu trabalho é que nunca penso em uma obra só, um artista só. Faço relações o tempo todo, inclusive do que vejo na realidade como o que vejo no mundo da arte” (BARBOSA, 2005, p. 145).

Como traz Rangel, 2002, a releitura pode ser verbal, mental ou uma nova experiência estética, ou seja, uma leitura mais atenta, reconhecendo através da visão o que está escrito e/ou representado, observando pontos que podem ter passados despercebidos, resultando ou não em nova produção. Ainda durante a leitura se pode: decifrar ou interpretar, reconhecer, perceber, explicar, não necessariamente encontrando o sentido desejado pelo autor.

Com base nessa perspectiva de leitura de imagem foi proposta a leitura da obra “Os Despejados”, 1934, de Candido Portinari, os alunos deveriam observar a obra projetada e num primeiro momento realizar participar de um jogral com a primeira palavra/frase que pensou ao ver a obra, foram citadas: lavoura, desnutridos, cavalo,

malas, família despejada, solidão, trilhos, pobreza, tristeza, pensativos, judiados do serviço, lugar quente e seco, pouca roupa e bagagem, casa, deserto.



Imagem 1: Obra "Os Despejados", artista Candido Portinari, 1934. Fonte <https://artsandculture.google.com/asset/os-despejados/TqEJLghZ4Ciwlw?hl=pt-BR>

Após foram convidados a escrever alguns pontos que lhe chamaram a atenção, o que interpretaram da obra, surgiram algumas perspectivas interessantes, como acreditar que quem estava sentado pensava em algo para mudar a situação, que as crianças parecem estar grávidas, a retratação da tristeza e fome daquelas pessoas, um quadro de doença, presença de caixões, pensar ser uma família unida, uma mãe desesperada porque a filha está com dor. O interessante sobre essa parte da oficina é que todas as interpretações foram diferentes, alguns alunos foram extremamente sucintos e apenas descreveram de forma breve a cena, outros já descreveram a cena e cores, alguns imaginaram uma história por trás de cada pessoa pintada e um aluno criou até mesmo um contexto sobre a demora do trem.

É necessário enfatizar que Barbosa (2008) comenta que “dentre as artes, a arte visual, tendo a imagem como matéria-prima, torna-se possível a visualização de quem somos, onde estamos e como sentimos.” Assim, o estudo das artes visuais contempla a imagem como fonte de informação e conhecimento, no entanto, para que isso ocorra é preciso que haja interação entre o espectador e a imagem. Nesse caso, é preciso induzir

o espectador a leitura, a debruçar-se sobre imagens e obras de arte, para que seja possível apreender o sentido dessas imagens. Segundo Barbosa (1998),

a imagem quer seja ela figurativa ou abstrata, é um âmbito de realidade, não apenas um objeto. Imersos num humanismo baseado na dominação de objetos, tem sido difícil para os educadores entenderem a importância da imagem, da reflexão sobre ela, da percepção de seu sentido, da sua produção estética através da arte e da sua dedução através dos meios de comunicação. Reflexão sobre a imagem é algo que tem lugar em muitas poucas escolas e isso resulta em consequências nefastas não só para a compreensão da obra de arte, mas também para uma apreciação crítica da televisão.

O ensino de artes nas escolas tem procurado promover situações de leituras de imagens, possibilitando aos alunos construir sentido a partir de textos e informações do seu cotidiano, permitindo ainda pensar de forma crítica sobre visualidade e visibilidade das mais diversas produções, ou seja, produções de sentido, leitura e interpretação e não imposição (PILLAR, 2013).

Dessa maneira, a educação do olhar, em tempos de difusão e incorporação da imagem através da vida cotidiana, por isso, torna-se necessária para o ensino e aprendizagem de infantes e jovens em fase de desenvolvimento cognitivo. Além disso, o ensino de artes visuais quando bem empregado pelos professores pode promover a aquisição desses conhecimentos que tanto precisamos para a compreensão da nossa cultura e da cultura do outro. Nesse contexto Ana Mae Barbosa (1998:18) menciona a importância da apreciação da arte para o desenvolvimento da criatividade:

Apreciar, educar os sentidos e avaliar a qualidade das imagens produzidas pelos artistas é uma ampliação necessária à livre-expressão, de maneira a possibilitar o desenvolvimento contínuo daqueles que, depois de deixar a escola, não se tornarão produtores de arte. Através da apreciação e da decodificação de trabalhos artísticos, desenvolvemos fluência, flexibilidade, elaboração e originalidade – os processos básicos da criatividade. Além disso, a educação da apreciação é fundamental para o desenvolvimento cultural de um país. Este desenvolvimento só acontece quando uma produção artística de alta qualidade é associada a um alto grau de entendimento desta produção pelo público.

Seguindo esse raciocínio, pensar em arte é formar um pensamento, uma opinião sobre determinado assunto, assim é possível ver uma obra artística ou qualquer tipo de imagem e se posicionar criticamente referente às ideias transmitidas pelo artista. Desse modo, Araújo (2007, p.53), destaca que “o ensino de Arte pode nos proporcionar a fruição dessas produções artísticas por meio da leitura visual, pois as pessoas aprendem com as imagens e também se emocionam com elas”.

É preciso compreender que cópia também é um recurso didático, mas não é uma forma de releitura, releitura é o ato de recriar a obra escolhida com um novo olhar, uma nova leitura, dentro da questão artística releitura é fazer novamente, podendo acrescentar ou retirar informações, dentro da releitura devemos conhecer a obra, sua contextualização, uma vez que para o ato de ler se precisa de um leitor, um código e um autor (RANGEL, 2002; PILLAR, 2011), Pillar cita que entre releitura e cópia são totalmente diferentes, já que

“cópia diz respeito ao aprimoramento técnico, sem transformação, sem interpretação, sem criação. Já na releitura há transformação, interpretação, criação com base num referencial num texto visual que pode estar explícito ou implícito na obra final. Aqui o que se busca é a criação e não a reprodução da imagem (PILLAR, 2003, p. 19).

A leitura da obra de arte (que recentemente tem sido chamada de apreciação) propõe uma leitura do mundo e de nós neste mundo, uma leitura que é na verdade, uma interpretação cultural, com base nesses termos a conclusão da oficina aconteceu através da proposta de uma releitura da obra “Os Despejados”, realizada de forma individual e em casa, uma vez que estivemos em um ano letivo atípico, resultado da pandemia do COVID-19, onde a obrigatoriedade as aulas aconteceu na semana em que se realizou a oficina e a professora regente precisava encerrar conteúdos, assim foi disponibilizado o número de telefone de uma das docentes para que os alunos que desejassem contribuir com a pesquisa enviassem a fotografia das suas releituras, recebeu-se um total de quatro obras, um número abaixo do esperado, mas significativo para nossa pesquisa, assim pode-se observar nas imagens abaixo a releitura da obra na visão de quatro alunos do

terceiro ano do ensino médio da EJA, para fins de privacidade as obras serão mantidas anônimas.



Imagem 2, 3, 4, 5: Releitura da Obra "Os Despejados" realizadas pelos alunos do EJA de uma escola pública

Observando as releituras dos alunos podemos notar que todos utilizaram elementos presentes na obra proposta, mas nenhuma é uma cópia fidedigna, foram incorporados elementos, cores, subtraiu-se elementos também, enfim os alunos utilizaram a sua interpretação, visão, eles criaram a partir da obra. Ademais, a releitura da obra de arte é entendida por muitas pessoas como cópia elaborada pelos alunos com base na imagem que lhes é oferecida. Entretanto, se realizada dentro desse modelo, pouco ou nada acrescenta ao conhecimento da construção da imagem produzida pelo artista. Por

isso, é necessário que essa atividade tenha um poder/valor criativo, na medida em que, por meio da referência ao original, constrói uma nova imagem. BUORO (2002) “considera que toda nova produção oriunda de uma imagem referente é construção de um novo texto, no qual o sujeito produtor elabora uma interpretação, podendo até mesmo participar da criação.”

Sendo assim, nota-se que é de extrema importância que aconteça a alfabetização visual para o ensino e aprendizagem em Artes Visuais, por isso os educadores não podem negar esse conhecimento para os discentes. Desse modo, é preciso trabalhar a leitura de imagens na sala de aula, para que possamos oferecer uma educação completa e integrada com as demais áreas do conhecimento. Educar o olhar, humanizar os nossos alunos para entender as produções humanas é capacitá-los para a vida em sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A. CORSO, A.M. A Educação de Jovens e Adultos: Aspectos Históricos e Sociais. **XII Congresso Nacional de Educação**. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/22753_10167.pdf> Acesso em: 10 out 2021.

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: C/ Arte, 1998

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos 80 e novos tempos**. 1a. ed. São Paulo: Perspectiva, 1991

BARBOSA, Ana Amália. **Releitura, citação, apropriação ou o quê?** In: BARBOSA, A. M. *Arte/Educação Contemporânea: Consonâncias internacionais*. SP: Cortez, 2005.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Consulta Pública. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192. Acesso em: abr de 2021

CARDOSO, M.A.; PASSOS, G.A.L. Reflexões sobre a Educação de Jovens e Adultos e a formação docente. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, 2016.

CINEAD LECAV, **Abecedário de Arte e Educação com Ana Mae Barbosa**. YouTube, 2016. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=Y8fYEjPDs5Q>> Acesso em: 20 out 2021.

PILLAR, A.D. A leitura da imagem. IN: PILLAR, A.D. et al **Pesquisa em artes plásticas**. Editora da Universidade/UFRGS/ANPAP, 1993.

PILLAR, Analice Dutra. **A educação do olhar no ensino das artes**. 3a. Porto Alegre: Mediação, 2003

PILLAR, A.D. Visualidade contemporânea e educação: Interpretação de linguagens e leitura. **Revista Contrapontos**, v. 13, nº 3, p. 178-185, 2013.

RANGEL, V.B. Releitura não é cópia: Refletindo uma das possibilidades do fazer artístico. **Revista Nupeart**, Florianópolis, v.3, p. 33 – 60, 2012.

SOBRE AS AUTORAS:

Possui Bacharel em Fisioterapia pela ULBRA, Licenciatura em Pedagogia pela UniBF, Especialista em Gestão Escolar pela Intervale, Especialista em Educação em Direitos Humanos pela FURG; Especialista em Ensino de Filosofia pela UFPEL.

Possui Licenciatura em Filosofia pela UFPEL, Licenciatura em Pedagogia pela UniBF, Especialista em Educação Ambiental pela UFSM, Especialista em Ensino de Filosofia pela UFPEL.

Possui Licenciatura em Filosofia pela UFPEL, Licenciatura em Pedagogia pela UniBF, Especialista em Gestão Escolar pela Intervale.

Artefactum

Revista de estudos em Linguagens e Tecnologia

Curso de Licenciatura em Artes Visuais pela UFPEL, Licenciatura em Pedagogia pela UNINTER, Especialista em Educação pela UFPEL, Mestre em Artes Visuais pela UFPEL.